



Carine Rozane Steffens



Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES)

csteffens@universo.univates.br

Cláudia Inês Horn



Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES)

cihorn@univates.com.br

O RECREIO ESCOLAR E AS EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o modo como as crianças brincam no momento do recreio escolar numa determinada Escola Municipal dos Anos Iniciais de um município do Vale do Taquari/RS. A partir de observações ao longo dos recreios escolares, analisou-se como ocorriam as brincadeiras entre as crianças, bem como a organização dos tempos e espaços escolares durante esse momento. Com o intuito de enriquecer a análise, foram realizadas entrevistas com cinco crianças entre sete a dez anos de idade e questionários envolvendo três professores dos Anos Iniciais. Além disso, utilizou-se um diário de campo como instrumento para registrar falas das crianças com seus colegas e professores, bem como as impressões em relação às brincadeiras durante o recreio escolar. Autores como Ferreira (1999), Cavallari (1994), Corazza (2002), Brougère (1998), Benjamin (1984) e Sarmiento (2004) sustentam as abordagens teóricas acerca da infância e da ludicidade. Ao final, concluiu-se que a escola deve priorizar o brincar, não apenas no recreio, mas também na sala de aula e nos demais espaços escolares. Em relação ao recreio, algumas restrições podem ser evitadas, negociando e debatendo com as crianças questões que lhes dizem respeito nos seus modos de brincar. Ao mesmo tempo, concluiu-se ser muito importante adultos brincarem e interagirem com as crianças, a fim de conhecer mais sobre as culturas da infância.

Palavras-chave: Ludicidade. Recreio escolar. Anos Iniciais. Tempo e espaços.

SCHOOL BREAK AND CHILDREN'S EXPERIENCES

ABSTRACT

This article aims to analyze the way children play in the moment of the school break in a Municipal School of the Early Years in a city from a Vale do Taquari (RS/Brazil) region. From observations carried out during the school breaks, we analyzed how children played games, as well as the organizations of the scholar times and spaces during these moments. In order to enrich the analysis, interviews were conducted with five children from seven to ten years old and questionnaires with three teachers from the beginning years. In addition, a field diary was used as an instrument to record children's speeches with their peers and teachers, as well as the impressions regarding the plays during the school break. Authors such Benjamin (1984), Brougère (1998), Corazza (2002), Ferreira (2004) and Sarmiento (2004) endorse the theoretical approaches about the childhood and ludicity. In the end, it was concluded that the school must prioritize playing, not just during the school break, but also in the classroom and in the other school spaces. Regarding the school break, some restrictions can be avoided by negotiating and debating with the children, questions that concern them in the way of playing. At the same time, it was found to be very important that adults play and interact with the children, in order to learn more about the cultures of the childhood.

Keywords: Ludicity. School break. Beginning years. Time and spaces.

Submetido em: 20/10/2017

Aceito em: 24/10/2018

Publicado em: 21/12/2018

DOI: 10.28998/2175-6600.2018v10n22p21-34



1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta parte dos estudos desenvolvidos na disciplina “Ludicidade e Educação”, realizada na modalidade de Regime Especial do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES/RS, ao longo do primeiro semestre letivo de 2016. O intuito deste trabalho foi acompanhar e analisar o modo de brincar das crianças, em diferentes espaços ocupados por elas na hora do recreio escolar numa determinada Escola Municipal de Ensino Fundamental de um município do Vale do Taquari/RS. O recreio foi aqui tomado como lugar privilegiado de análise, por se tratar de um espaço e tempo de brincar das crianças que frequentam os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, nossas interrogações giravam em torno das seguintes questões: Como as crianças brincam no momento do recreio escolar? De que modo se relacionam com o brincar, nos tempos e espaços disponibilizados pela escola?

Em busca de pistas para as nossas argumentações acerca do recreio escolar, buscamos desenvolver estudos sobre a temática, bem como uma pesquisa de campo na referida escola. Para o levantamento e produção de dados, foram realizadas quatro observações nesse espaço, e cada recreio teve aproximadamente 20 minutos de duração. Também foram realizadas entrevistas com cinco crianças entre sete a dez anos de idade, durante o momento do recreio. As crianças foram selecionadas de forma intencional, através da manifestação de interesse em conversar com as pesquisadoras. As entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas para posterior análise. Além disso, foram distribuídos questionários para três professores dos Anos Iniciais, documento de pesquisa que interrogava sobre suas perspectivas referentes ao conceito do brincar e do recreio escolar. O diário de campo foi utilizado neste trabalho a fim de registrar as conversas entre crianças e professores, bem como entre as crianças e seus pares durante os recreios observados. Durante o percurso investigativo, os estudos de diferentes referenciais teóricos foram importantes, pois possibilitaram o aprofundamento de conceitos envolvendo a temática da ludicidade, assim como a reflexão acerca das vivências lúdicas ocorridas no espaço escolar enquanto experiência humana e prática pedagógica. Dentre eles, destacamos Ferreira (1999), Cavallari (1994), Corazza (2002), Brougère (1998), Benjamin (1984) e Sarmiento (2004).

Nas próximas seções, será apresentada a análise e algumas problematizações em relação ao recreio escolar, com o objetivo de levantar tensionamentos para pensarmos sobre esse momento nas instituições escolares, o qual não pode apenas ser compreendido como um momento de passagem entre o primeiro e segundo período escolar. Acreditamos

que os tempos e espaços do recreio escolar constituem e movimentam a cultura da infância, sendo elemento imprescindível para problematizar a própria proposta pedagógica da escola. Para tanto, na primeira parte do artigo, problematizamos os tempos e espaços do recreio escolar; na segunda parte, discorremos sobre algumas práticas observadas durante a pesquisa de campo; ao final, propomos algumas possibilidades de seguir pensando os momentos de recreio escolar.

2 OS TEMPOS E ESPAÇOS DE UM RECREIO ESCOLAR

O recreio faz parte da vida escolar de todas as crianças. Para Ferreira (1999, p. 21), o recreio escolar é um “período para se recrear, como, especialmente, nas escolas, o intervalo entre as aulas”. Assim, entende-se, comumente, que o recreio significa um momento destinado ao relaxamento e intervalo entre dois períodos de aulas, o qual proporciona prazer, descontração e divertimento às crianças através da interação entre seus pares. Cavallari (1994, p. 15) destaca que o recreio “assemelha a seu momento ou a circunstância que o indivíduo escolhe espontânea e deliberadamente, através do qual ele se (sic) satisfaz (sacia) seus anseios voltados ao seu lazer”.

Durante o recreio escolar, é comum acompanharmos as crianças brincando, explorando o espaço e se relacionando com as demais crianças à sua volta. E os adultos que habitam as instituições escolares acabam por naturalizar esses momentos: é natural que em todas as escolas, todos os dias, as crianças tenham um intervalo entre os dois períodos de aula. Também é natural relacionar crianças, infância e brincar, como se as relações existentes entre eles estivessem tão imbricadas, a ponto de não estranhar o nosso próprio pensamento sobre essa relação existente. Corazza (2002) já nos provocava a pensar sobre tal suposta naturalização, ao argumentar que, com a invenção do indivíduo criança – gentes pequenas – elas estariam condenadas ao brinquedo e ao jogo, não a qualquer jogo, mas àqueles criados especificamente para elas. Salienta a autora: (idem, p. 60), “De modo que, sempre que se pensasse nelas, as associasse com isto e se dissesse: - É de brincar e jogar que as pequenas mais gostam!”.

Nesse sentido, queremos provocar o nosso pensamento de modo a desnaturalizar os modos de brincar durante o recreio escolar. Trata-se de ter não apenas um intervalo necessário entre as aulas, mas um tempo e espaço onde relações acontecem, conflitos são gerados e negociados, interações são postas em ação, criações e invenções são mobilizadas entre as crianças. Poderíamos afirmar que há um currículo que vaza no recreio,

que escapa de algumas formas de disciplina e controle e que pode potencializar a própria sala de aula e a proposta pedagógica da escola.

Os modos como as crianças vivem os momentos de recreio deveriam interessar mais para um olhar curioso de professor, pois são momentos ricos de produção da cultura lúdica e da cultura infantil. Tal como destaca Sarmiento (2004), é através da exploração de diferentes jogos e brincadeiras que as crianças produzem cultura, já que são capazes de construir e criar significados ao mundo que as cerca e, por isso, a criança deve ser considerada como sujeito social e participante de sua socialização. Brougère (1998) também nos mostra que é através da brincadeira que a criança se apropria e cria uma cultura lúdica infantil, sendo esta capaz de auxiliar no seu desenvolvimento integral. Para Benjamin (1984, p. 64), “Sem dúvida brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio”. Desse modo, o brincar na hora do recreio pode ser uma condição para a aprendizagem das culturas da infância por parte dos adultos da escola, especialmente dos professores. Sarmiento (2004, p. 376) corrobora essa ideia quando afirma que “o brincar é a condição da aprendizagem”.

Em relação ao tempo e ao espaço organizados pelas escolas na atualidade, ressaltamos que a contemporaneidade ainda apresenta rastros da Modernidade. Nessa perspectiva, a instituição escolar pode ser tomada como a mais potente instituição de captura das crianças e, no entendimento de Foucault (2012), ela se caracteriza como uma instituição de sequestro, capaz de operar com tecnologias que objetivam o sujeito, especialmente ao controlar tempos, espaços e corpos. Veiga-Neto (2002) corrobora, afirmando que os espaços e tempos fixados pela escola visam à homogeneização do desenvolvimento dos alunos e, para isso, foi necessário que as crianças ocupassem o mesmo espaço em um determinado tempo. Assim, a maquinaria escolar captura os sujeitos infantis através de uma rede de normas, leis pedagógicas e jornada escolar, transformando a criança em aluno, e sua vida, em rituais. Rituais de divisão de classes, faixas de idades, estágios de desenvolvimento, horas de atividades, de entrada, de saída e de intervalo, e, aqui, incluímos o ritual do recreio escolar.

O recreio escolar é comumente tomado como um intervalo entre dois períodos de aula. Percebemos o quanto é priorizada a organização dos tempos e espaços da sala de aula e esmaecida a preocupação pedagógica com o momento do recreio. E, quando há atenção pedagógica, constatamos uma certa pedagogização do brincar, ou seja, os recreios passam a ser monitorados, possuem propostas definidas, momento em que são disponibilizados brinquedos específicos para brincar e jogos para algumas faixas etárias.

Segundo Barros (2009), o brincar nos anos iniciais está sendo substituído por atividades dirigidas ao processo de alfabetização, e as crianças passam a ser consideradas não mais como “crianças”, assim como eram conceituadas na Educação Infantil, mas como alunos. Assim como as instituições de Educação Infantil, as escolas de Ensino Fundamental são espaços de múltiplas relações, visto que através de situações lúdicas oportunizamos às crianças aprendizagens variadas.

Sabemos que muitas pesquisas se ocupam em pensar sobre os momentos de recreio escolar; muitos estudiosos tomam o brincar no recreio como foco de suas investigações. Destacamos alguns destes trabalhos: Amaral, Michel e Silva (2012) problematizam o recreio escolar a partir das interações demonstradas pelas crianças durante o momento do recreio, compreendido como momento livre; Würdig (2014) propõe investigar as brincadeiras e as brigas ocorridas entre os meninos e meninas durante o recreio escolar; Wenzel (2005) desenvolve um mapeamento das brincadeiras e negociações de gênero e de sexualidade, realizadas por meninas e meninos do primeiro ao quarto ano; Cruz e Carvalho (2006) refletem sobre as vivências e as relações de gênero apresentadas por crianças de sete a dez anos de idade durante o recreio escolar, tendo como foco as interações conflituosas entre meninos e meninas, buscando revelar os jogos de poder utilizados por elas a partir de suas ações.

As produções destacadas dão ênfase a um olhar para o processo de cultura lúdica criada pelas crianças durante o recreio escolar. Assim como alguns autores destacados anteriormente, também nos propomos a investigar, analisar, refletir e problematizar o relacionamento e a interação que se constituem entre os alunos que frequentam os Anos Iniciais de uma escola do Vale do Taquari/RS, enquanto estes ocupam determinados espaços e tempo durante o recreio escolar. Talvez seja muito mais um exercício de desnaturalizar o recreio escolar e problematizar as divisões, as combinações e as regras definidas para vivenciar tal momento escolar. É sobre essa pesquisa de campo que passamos a escrever na próxima seção.

3 SOBRE OS ENSAIOS ENVOLVENDO A PESQUISA DE CAMPO

Para investigar os modos como as crianças brincam nos momentos de recreio escolar e conhecer os tempos e espaços disponibilizados a elas para potencializar o brincar na escola, foi desenvolvido um ensaio de pesquisa de campo. Para esse ensaio, foram realizadas quatro observações na escola, durante o recreio, além de uma entrevista com

as crianças, bem como um questionário envolvendo três professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Em relação aos tratamentos éticos na pesquisa envolvendo crianças e adultos, optamos por manter o sigilo da identidade dos professores que preencheram o questionário, identificando-os pelas três primeiras letras do alfabeto (Professor A, Professor B e Professor C). Já em relação às crianças que participaram das entrevistas, as identificamos com nomes fictícios (Bruna, Emanuel, Tiago, Laura e Vitor), também para preservar suas identidades. As entrevistas realizadas com as crianças foram gravadas e posteriormente transcritas. Além das entrevistas com as crianças e do questionário preenchido pelos professores, foi utilizado um diário de campo, a fim de registrar as conversas entre as crianças e seus pares, bem como entre as crianças e seus professores durante os recreios observados.

Quanto ao diário de campo, instrumento de pesquisa compreendido como fundamental para a produção de dados na pesquisa de campo, Winkin (1998, p. 139) afirma que o diário tem a função reflexiva e analítica, pois “Num primeiro momento, o pesquisador anota tudo, depois já consegue fazer um procedimento mais analítico, e por fim, escreverá rapidamente”. Magnani (1997) corrobora, afirmando que o diário de campo compreende um depositário de notas, impressões, observações, primeiras teorizações, mapas, esboços, desabafos, entrevistas e garatujas de informantes. Nesse sentido, o diário de campo utilizado nesta pesquisa foi fundamental para refletir e sistematizar as experiências vivenciadas no campo de pesquisa, uma vez que serviu como mecanismo para aprimorar a discussão do tema analisado.

Foi possível perceber, a partir das observações realizadas na pesquisa empírica, que a instituição escolar investigada proporciona a seus alunos vinte minutos de recreio, o qual inicia diariamente às 15h e se encerra às 15h 20min e envolve todas as turmas dos Anos Iniciais, ou seja, aproximadamente 150 alunos do 1º ao 5º ano. Segundo relato dos professores envolvidos nestas séries, são oferecidos de cinco a dez minutos para os alunos comerem o seu lanche, antes de serem liberados para o recreio. O lanche geralmente é servido na sala de aula ou no corredor da escola. Caso o lanche seja um alimento quente, como, por exemplo, uma sopa ou carreteiro, ele é servido no refeitório da instituição.

Observamos que o espaço ocupado pelas crianças no recreio escolar é amplo e possibilita algumas explorações. O pátio é composto por uma área verde, onde se encontram muitas árvores e grama. Nesse espaço, há bancos construídos de madeira e cimento junto a mesas de pneus reciclados, assim como alguns barrancos onde as crianças brincam de escorregar. Ao lado desse espaço verde, a escola oferece duas praças com

brinquedos variados (como gangorras, escorregadores, balanços, roda e uma casinha de ferro), um campo de futebol, um ginásio de futebol coberto e um espaço amplo de chão batido revestido de britas. Este espaço, no início e no final de cada turno de aula, é ocupado pelos transportes escolares, que estacionam ali para o embarque e desembarque dos alunos. Todos esses espaços são explorados pelos alunos durante o recreio escolar, de forma livre.

É importante esclarecer que, antes de iniciar as observações, conversamos com a equipe diretiva da escola para informá-la sobre a pesquisa e solicitar autorização para acompanhar alguns momentos de recreios da escola. Após o aceite da direção e a autorização para realizar as observações, foram definidas as datas para o desenvolvimento do trabalho. No primeiro dia da pesquisa de campo, a expectativa em conhecer as crianças e os modos como elas se organizavam para o recreio era muito grande. Logo na primeira observação, percebemos que determinados grupos de crianças estavam dispersos, ocupando alguns espaços do pátio da escola. Pareceu-nos que os alunos já haviam pré-determinado o espaço que ocupariam. A suposta dedução foi confirmada em apenas alguns minutos, através de uma breve fala que tivemos com um dos professores que se encontrava no pátio. Ele confirmou que os alunos eram separados por turma para ocupar os espaços do pátio da escola, durante o recreio escolar.

Sem entender o porquê da separação das turmas, procuramos questionar uma menina que estava caminhando pelo pátio da escola, para ouvir a sua opinião sobre esta organização escolar. Bruna (10 anos de idade) relatou que “Eu não sei por que os professores separam as turmas”. Nesse instante, indagamos a menina e pedimos que relatasse um pouco como funcionava essa divisão, se era por sorteio ou por escolha do professor. Ela respondeu: “Há um calendário atrás da porta da nossa sala de aula, e é aí que olhamos para ver aonde vamos brincar no recreio, se é na pracinha da creche, no campo, nas britas ou gramado da escola” e complementou a sua fala afirmando que quando chove. “[...] a diretora fala no microfone aonde vamos brincar, se é no ginásio ou saguão da escola”. De acordo com o relato dessa aluna, pudemos verificar no cronograma do recreio a divisão dos espaços e turmas mencionada pela Bruna.

Figura 1 – Cronograma do Recreio Escolar

RECREIO TURNO DA TARDE					
	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
CAMPO	5º ANO A e B	4º ANO A e B	3º ANO A e B	2º ANO A e B	5º ANO A E B
PRAÇA EMEI	2º ANO A e B	3º ANO A E 5º ANO B	5º ANO B E 4º ANO B	4º ANO A E 5º ANO A	3º ANO B E 2º ANO A
PÁTIO	4º ANO A e B	5º ANO A e 3º ANO B	2º ANO A e B	3º ANO A E 5º ANO B	4º ANO A E B
PRAÇA ESCOLA	3º ANO A e B	2º ANO A E B	4º ANO A e 5º ANO A	4º ANO B E 3º ANO B	3º ANO A E 2º ANO B

Se chover o recreio será informado pelo microfone.

Fonte: Das pesquisadoras (2016).

Conforme a figura acima, é possível acompanhar o roteiro de espaços que as turmas ocupam semanalmente durante o recreio escolar, assim como a aluna descreveu. A cópia desse cronograma foi cedida pela direção da escola no segundo dia de observação, após uma conversa que tivemos. Segundo a opinião de alguns professores da escola, a ideia de formular um cronograma para o recreio escolar foi elaborada pela direção da escola, juntamente com o corpo docente. O objetivo dessa proposta foi diminuir a aglomeração dos alunos em um único espaço, bem como os incidentes e as brigas, que eram frequentes entre eles.

Interessante apresentar aqui a opinião dos três professores que responderam ao questionário: O Professor A alegou, por exemplo, que “[...] cronograma fica mais fácil de cuidar e controlar o recreio dos alunos, evitando assim os desentendimentos entre eles”; o Professor B explicou que agora todas as crianças “[...] têm a oportunidade de usufruírem dos espaços e brinquedos disponíveis”; já o Professor C afirma que não ficou muito satisfeito com a proposta, pois percebeu que, de certa forma “[...] delimitou o convívio e trocas de experiências com os colegas das demais turmas”.

Apesar de parecer que a escola está de certa forma delimitando a relação e interação entre os alunos, foi possível constatar que esta ação parece já estar assimilada pelos alunos como uma decisão dos adultos, como podemos evidenciar no relato de Bruna (10 anos de idade): “[...] estamos acostumados a brincar separados por turma, porque desde o início do ano foi decidido ser assim [...]. Os alunos entrevistados, porém, ressaltaram que, quando sentem a necessidade de conversar com colegas de outras turmas, aproveitam as distrações do professor que está acompanhando o recreio escolar e rapidamente se deslocam do seu espaço determinado, vão ao encontro do seu colega e, após alguns

instantes, retornam para o espaço em que estavam brincando. Os alunos disseram que o professor nunca percebe esta movimentação, uma vez que esta fica camuflada em função da agitação e correria das crianças pelo espaço.

Ao analisar a situação exposta até aqui, acreditamos que, apesar de a separação dos espaços físicos nas diferentes turmas da escola parecer estar naturalizada entre os alunos, a interação com crianças de diferentes idades seria favorável para o desenvolvimento integral de cada criança, uma vez que haveria trocas de ideias e experiências entre elas, o que fortaleceria seus laços de amizade, ampliando, assim, suas relações sociais. Ao mesmo tempo, também constatamos o quanto as crianças são capazes de criar negociações e burlar algumas regras a fim de satisfazer suas vontades e interesses, como no caso da “invasão” do espaço de outra turma para encontrar seus amigos. Essas ações das crianças se constituem em contextos de negociação de significados que são atribuídos ao ato de brincar, em que diferentes saberes são construídos e compartilhados nas culturas da infância.

Delgado e Müller (2005), baseadas em estudos com Sarmiento (2005), trazem importantes reflexões acerca das culturas das infâncias. As autoras colaboram, destacando que as interações nos diferentes sistemas simbólicos dos quais as crianças participam e partilham, ou seja, os círculos nos quais elas transitam, tornam as culturas das infâncias um elemento complexo. Isso é evidenciado a partir da cultura societal (culturas da mídia, por exemplo), das culturas locais (cada criança nasce no interior de uma cultura simbolicamente estruturada), das culturas de pares (formas específicas de representações das crianças, resultado das articulações entre elas) e da cultura escola (a criança recebe a cultura que foi selecionada dentre as existentes na sociedade, mais articulada com a cultura da classe média).

Em relação às negociações, enfrentamentos e resolução de conflitos entre as crianças, Ferreira (2004) aponta cinco pressupostos básicos acerca do brincar, os quais nos ajudam a perceber as dinâmicas, as formas complexas de organização e negociação das crianças durante suas brincadeiras, e um desses pressupostos é a negociação. Para a autora, a interação verbal e/ou não-verbal possibilita a (re) negociação da situação e afirmação de acordos, resolução de conflitos, definição de papéis, criação de regras (FERREIRA, 2004, p. 89).

Ao questionar algumas crianças se elas gostavam do recreio escolar, por unanimidade todas afirmaram que sim. Vítor (8 anos de idade) ressaltou que adora o recreio “[...] pois dá para correr pelo pátio, contar piada, e dar muita risada”, situações estas que são proibidas em sala de aula. Bruna (10 anos de idade) também afirma que “[...] o

professor não deixa brincar e nem conversar quando estamos na sala de aula”. Percebemos, através das falas das crianças, que o agrado pelo recreio escolar decorre da liberdade para a realização de diferentes manifestações, as quais muitas vezes são impedidas de serem realizadas dentro da sala de aula, pois o foco dos professores acaba se delimitando ao disciplinamento de comportamentos e conteúdos, já que há uma necessidade de cumprir e realizar atividades baseadas em conteúdos programáticos, assim como sugere o currículo escolar.

Os professores ressaltaram que o recreio escolar é importante tanto para os alunos, quanto para os professores, visto que minimiza a tensão e estresse que a rotina escolar acaba ocasionando para ambos, durante as longas horas em sala de aula. O Professor C salientou que o recreio escolar serve “[...] para os alunos gastarem suas energias, que acabam acumulando quando estão presos na sala de aula. Por isso, este momento é destinado para que eles possam brincar, se movimentar e espairecer um pouco”. Nessa perspectiva, Moyles (2007, p. 21) ressalta que “[...] o brincar também pode proporcionar uma fuga, às vezes das pressões da realidade, ocasionalmente para aliviar o aborrecimento”. Horn (2012, p. 19) corrobora essa ideia e afirma que “[...] uma atividade lúdica, representa um momento prazeroso, diferenciado das tarefas tipicamente escolares, em que um rasgo de espontaneidade é possível”.

Importa ressaltar que, durante as observações, não foi presenciado nenhum conflito nem briga física entre os alunos. Houve apenas alguns desentendimentos entre eles durante as brincadeiras, mas imediatamente foram resolvidos por eles próprios, sem intervenção dos adultos. Também observamos que os espaços e as brincadeiras eram divididos tanto pelas meninas, quanto pelos meninos, não havendo a distinção por sexo. As brincadeiras mais frequentes dos alunos eram o pega-pega, esconde-esconde e o jogo de futebol. As regras dos jogos e brincadeiras eram elaboradas pelo próprio grupo de crianças, por meio de combinações realizadas por eles no início de cada brincadeira. Apesar de haver a presença de um professor em cada espaço destinado para os alunos brincarem, com o intuito de cuidar e controlar as ações deles, percebemos que os professores se manifestavam somente quando viam que o aluno corria o risco de se machucar. Era oportunizado aos alunos protagonizar livremente o espaço que ocupavam.

Ao questionar sobre as brincadeiras preferidas dos alunos, a maioria relatou gostar de brincar de pega-pega e futebol. Somente um aluno relatou gostar de subir nas árvores, porém acrescentou que a maioria dos professores não os deixava subir nas árvores. Após a sua fala, ele subiu rapidamente em uma das árvores do pátio e, no mesmo instante, o professor solicitou que descesse da árvore, pois, segundo o educador, ele poderia se

machucar. Ao descer da árvore, Tiago (10 anos de idade) se direcionou até mim e disse: “Viu, eu te disse que eles não deixam subir nas árvores! ”.

Curiosas com a situação ocorrida, buscamos questionar outras crianças sobre as prováveis brincadeiras que elas gostariam de brincar no recreio escolar, mas são impedidas pelos professores. Emanuel (7 anos de idade) ressaltou que “Gostaria de brincar de arma de mentirinha”; já Luara (9 anos de idade) afirmou que “Gostaria de poder ficar na sala para escrever no quadro, mas a professora não deixa, ela tranca a porta. Deixa nós só nos dias de chuva”.

4 CONSIDERAÇÕES, MAS NÃO FINAIS...

O brincar inclui tanto os jogos simples, quanto os com regras, assim como as brincadeiras livres e dirigidas realizadas através do faz de conta. A criança se expressa corporalmente através do brincar e, enquanto ela brinca, não somente se diverte, mas também recria, interpreta e se relaciona com o mundo em que está inserida e com as pessoas à sua volta. Por isso, o brincar deveria ser priorizado nas escolas, tanto no recreio, quanto nos demais tempos e espaços, uma vez que ele auxilia no desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo da criança. Desse modo, cabe à escola contribuir para a vida social de seus alunos, juntamente com outras instâncias, proporcionando-lhes desenvolvimento integral e dinâmico, abrangendo os aspectos cognitivos, afetivos e sociais e utilizando como instrumento os jogos e brincadeiras no contexto escolar.

Ao longo da pesquisa de campo, pudemos perceber que as crianças são capazes de descrever experiências e de interpretar o que lhes é interessante na escola. Ouvir e considerar essas experiências não é tarefa simples para os adultos, uma vez que envolve uma mudança de perspectiva, uma transformação de paradigmas já consolidados, enfim, representa rupturas. Dito isso, queremos argumentar a favor da participação das crianças em algumas decisões que lhes dizem respeito, especialmente aquelas vivenciadas diariamente, como o recreio escolar. Se formos capazes de ouvir mais as crianças, poderemos nos aproximar de suas culturas infantis. Segundo Sarmiento (2004, p. 376), “A ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis” e ressalta que a ludicidade, a fantasia do real, a interatividade e a reiteração são eixos estruturados nas culturas infantis.

Além disso, as observações permitem inferir que, embora a organização dos espaços e tempos da escola contribuam para a brincadeira acontecer, constatamos que a vontade das crianças em brincar era muito maior do que isso, ou seja, as crianças estavam

a brincar sempre, mesmo que a proposta tivesse outros objetivos que não a brincadeira. As relações sociais construídas através do brincar fortalecem a construção de saberes que são compartilhados nas culturas infantis. Brincando, a criança tem a possibilidade de compartilhar seus conhecimentos com outras crianças e também com o adulto, caso esse esteja interessado em observá-la e escutá-la enquanto brinca. Além de compartilhar, também aciona movimentos de apropriar-se daquilo que o sujeito que está brincando junto com ela já sabe. Mas não basta dar às crianças o direito de brincar, ampliando o tempo de permanência no pátio ou aumentando os estoques de brinquedos. É preciso despertar e manter seu desejo de brincar, o que implica uma nova postura dos adultos diante da brincadeira (HORN, SILVA e POTHIN, 2007).

Procuramos relatar aqui um ensaio de pesquisa de campo, o qual objetivou investigar os modos como as crianças brincam e interagem no recreio escolar de uma instituição de Ensino Fundamental do Vale do Taquari/RS. Este trabalho nos possibilitou refletir sobre a importância dos tempos e espaços oferecidos para os alunos durante o recreio escolar, os quais movimentam a cultura da infância. Acreditamos que a relação que os alunos constroem com os seus pares durante os intervalos das aulas é imprescindível para o seu desenvolvimento integral e, além disso, constitui um grande potencializador da proposta pedagógica da escola, contribuindo para pensar também as propostas de sala de aula. Enquanto as crianças exploram jogos e brincadeiras, elas estão produzindo cultura, isso porque são capazes de construir e criar significados ao mundo que as cerca. Portanto, o brincar proporciona condições de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Alessandra. MICHEL, Caroline Braga. SILVA, Méri Rosane. Recreio escolar e interações infantis: potência de produção? **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. IX AMPED SUL 2012.

BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach de. **Cadê o brincar?:** da educação infantil para o ensino fundamental. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões:** a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BROUGÈRE, Gilles. A invenção do jogo educativo. In: BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 103-125.

CARVALHO, Ana Margarida. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura:** viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

CAVALLARI, Vinícius Ricardo. ZACARIAS, Vany. **Trabalhando com recreação**. 2 ed. São Paulo: Ícone. 1994.

CORRAZA, Sandra Mara. **Infância & Educação**: era uma vez... quer que conte outra vez? Petrópolis: Vozes, 2002.

CRUZ, Tânia Mara; CARVALHO, Marília Pinto de. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. **Cadernu Pagu**, Campinas, n. 26, p. 113-143, jun. 2006.

DELGADO, Ana Cristina Coll e MÜLLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, v.35, nº 125, p. 161 -179. Maio/Ago, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999.

FERREIRA, Manuela. Do “avesso” do brincar ou ... as relações entre pares. In: MANUEL, M. J. ; CERISARA, A.B. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2012.

HORN, Cláudia Inês; SILVA, Jacqueline S.; POTHIN, Juliana. **Brincar e Jogar**: Atividades com materiais de baixo custo. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

MAGNANI, José G. Cantor. **O (velho e bom) caderno de campo**. Revista Sexta-feira. São Paulo, n. 1, maio de 1997.

MOYLES, Janet. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: Sarmento, M. J.; Cerisara, A.B. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. De geometrias, currículo e diferenças. **Revista Educação e Sociedade**. v. XXIII, n. 79, ago. 2002, p. 163-186.

WENETZ, Ileana. **Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano – Representações Sociais do Movimento Humano) – Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus Editora, 1998.

WÜRDIG, Rogério Costa. Brigar: um dos sentidos do recreio? **Revista Educação Unisinos**, Universidade Federal de Pelotas/RS. 185-192 maio/agosto 2014.